

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



HEROIS!!

Entre dois fogos, sob fusilaria intensa, os homens do Corpo de Salvação Publica levantam, a peito descoberto, os feridos da batalha do Rato

cronica da semana

TEM SALVO-CONDUTO?

O salvo-conduto é uma instituição nacional. O português já não pode passar sem o seu salvo-conduto. As vicissitudes da política e a necessidade que muita gente tem de andar na rua a certas horas da noite criaram essa especie de passaporte para uso interno—que só é valido com o selo em branco.

Quem circula durante a noite conhece a pergunta sacra mental:

—O cavalheiro tem salvo-conduto?
Se tem, passa. Se não tem, mete discussão com a policia, diz que tem uma pessoa de familia gravemente enferma, que vai chamar um medico, que vai aviar uma receita, que se demorou a conversar com um amigo, que não tem relógio e ignorava que fosse já tão tarde, enfim, que pretende ir pacificamente para sua casa, se a policia o deixar. E a policia ás vezes deixa. Outras não deixa e dá voz de prisão.

Nas ultimas noites têm sido presas algumas pessoas que circulavam sem salvo-conduto. Certos notivagos foram mesmo aconselhados pela policia a ir para casa.

- Não vou!
- Não vai porquê?
- Porque não tenho casa.
- Então vai para o Governo Civil.
- C mo quizer...

E graças ao edital do governo militar, alguns sem eira nem beira resolveram assim por uma noite o problema do inquilinato.

Mas se há policia indulgentes, há outros que levam a extremos de rigor o cumprimento da lei. Estes exigem, por via de regra, que o portador de salvo-conduto decline a sua identidade:

—Como se chama? Onde mora? Para onde vai? Em que se occupa? — e só não lhe pedem a impressão digital, porque não simpatizam com a digitalina.

A um deles, ouvi eu dizer:
—Ora esta... Ainda hoje não preendi ninguém... Parece mentira! Toda a gente tem salvo-conduto!

Como se a sua missão fosse, realmente, prender!

Os estrangeiros que vivem em Portugal já conhecem a importancia do nosso «laissez-passers». Assim, durante a revolta do norte, appareceu num hotel do Porto um antigo ministro dos Estrangeiros, que começou por occupar, espontaneamente, o seu antigo cargo.

Interpelado por belgas e alemães sobre o risco que os estrangeiros corriam durante o tiroteio, procurou socegar-los com esta simples promessa:

—Je vous passerais un sauf-conduit.
E um deles retorquiu:
—Est ce que les balles respectent votre sauf-conduit?

O ministro calou-se. As balas estiveram em risco de não respeitar mesmo a antiga carcassa ministerial...

NORBERTO LOPES

DESMASCARADO



— Bem o conheço, seu intrusão, Você nunca foi cego!...
— É verdade, mas quando vejo a sua cara tenho pena de o não ser...

Má Lingua

DE CAPA E BATINA

Foi um grande cortejo de alegrias que perpassou nas ruas da cidade... Vivas, morras, saudáveis gritarias, ondas de generosa mocidade.

Decerto bebeu fel a pedreiragem agora alapidada em seus covis —entre esperanças mil, de torna-viagem, que formigam da Lisboa até Paris.

«Morra a Maçonaria!» O santo e senha foi este, na cruzada dos rapazes. Um grito de alma que se fez montanha, peze embora ao Gr. Mestre e seus sequazes.

O corpo de delicto está completo no tribunal de todas as consciencias. Tornou-se publico esse mal secreto; liquidem-no a valer, sem complacencias

A ferro, a fogo, á vassourada, a tiro, com canhões, pennas, facas, varapaus, faça-se entrar o Sol nesse retiro, queimem-se os balandraus dos malandraus!...

Quem quer o bem, que o queira e não se esconda como se na alma desejasse o mal; faça-se luz na treva que onda a onda vinha enchendo de sombras Portugal.

Ninguém tema dizer abertamente o bom pensar que eleva e que redime, e usar o mesmo ardor que certa gente punha na voz ao proclamar o crime.

Assim pensou a mocidade. Assim veio, pulsando de energias novas,

em nome de um Principio impondo o fim de um mal, que de ser mal deu tantas provas.

Não se perca de vista o que o passado nos traz como cintissima lição, quanto ao mais que infallivel resultado de uma «politica de acalmção»...

Que quem é forte empregue a força, e saiba —sentindo evidentissima certeza— que força que não cumpre o que lhe caiba passa a ser forte apenas na fraqueza.

A mocidade de hoje já nasceu —no arranha-céus monumental da Historia— num andar superior, mais junto ao céu, que o de outra geração cançada e ingloria.

Já sabe que é mentira ou sem razão muita ideia sem base nem proveito que accendia ribombos de vulcão, hontem, em cada fibra e cada peito.

Já lê a Encyclopédia de mais alto longe dos seus principios mentirosos; e da distancia se transpoz de um salto olha outros horizontes luminosos.

Oxalá se não quebre o seu ardor contra rochêdus em que a vida abunda, e guarde toda a vida o mesmo amor, a mesma fé messianica e profunda.

Se é preciso ser novo para a ter sem desfallecimento e sem canceira, bastará, dentro d' alma, comprehender que um Ideal, sendo Ideal, tem o poder de guardar mocidade a vida inteira!

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

questão prévia

A alegria duns é feita com o desespero dos outros. E' forçoso que assim seja neste mundo em que os contrastes são a essencia mesmo da vida.

Tão filosoficos conceitos foram-me sugerido por uma carta em que uma dona de casa aplaudindo sem reservas a obrigatoriedade da hora de recolher, pede que por intermedio dos jornais se leve o governo ao conhecimento da necessidade de manter o edital do chá e torrada ás oito da noite, ao menos só u. a vez por semana.

Fundamenta a excelente senhora o seu pedido na logica irrefutavel dos numeros, demonstrando que, pelo facto de recolher ás seis ou ás oito horas, seu marido poupa a importancia de quatro cafés e seis calices de bagaço, além de outras verbas maiores, que ella veladamente inscreve sob a rubrica de «despesa eventual».

Possuidora, certamente, dum coração facilmente enternecivel e propenso ao amor da familia, não é ao lucro material do dinheiro poupado que a «dona de casa» se atem, mas ás compensações affectivas que da suspensão de garantias lhe resultam.

A economia duns tostões não a indemnizará sufficientemente da arrelia que o marido manifesta por ter de recolher cedo e do desespero que se apossa dos dezoito anos namoradeiros da filha, a quem nessas noites faltam os solenes juramentos de amor dum alferes, que os serviços de segurança reteem de prevenção no quartel.

Cuidar destes enfermos de espirito, servir ao marido um café que lhe saiba o mais possível a «Brazileira» do Rossio e a politica e á filha umas frases ternas, loridas de diminutivos, que lhe façam sentir menos a falta do namorado, foi o mais carinhoso entretenimento dessa mãe de familia, que tanto se empenha pelo regresso ao edital de horas apertadas.

E, perante esta dedicação ilimitada, não seria perdoavel que a excelente senhora, que tem o vicio de jogar a bisca, manifeste tambem a sua pontinha de egoismo e queira o marido em casa, uma vez por outra, ás oito da noite, para uma renhida partida de cartas, com pizadelas por baixo da mesa, o que docemente lhe evoca o tempo em que, de fresca data, eram noivos? E depois ella é tão razoavel pedindo só uma noite de bisca por semana, que certamente o governo não deixará de atender a supplica desta alma sedenta das alegrias do lar.



Feliciano Santos

ECOS

A revolução, comica e verídica

Um comerciante de Lisboa, nosso assinante, pessoa abastada e morador na Rua Thomás Ribeiro, onde aliás não houve nada, logo aos primeiros tiros da revolução fechou o estabelecimento e meteu-se num taxi para casa. Ali disse á sua mulher:

—Olha, para nos não preocuparmos com comida, como somos duas pessoas apenas, vamos para um hotel. O taxi está lá em baixo não te demores.

Com effeito; dali a minutos os dois corriam para um hotel.

Sabem os melhores para qual? Para o Bristol!!!

EM VERDUN?



Não. No Largo do Rato...

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING



Página Alegre por Xisto Junior

EM ESTILO FINO

QUANDO ontem, no *five-o'clock* dos Mendonças, você sustentava, a pão de ló e chá, a peregrina teoria que atribue aos homens uma maior dóse no repartimento da felicidade terrena, eu disse, beijando-lhe as unhas que a *manucure* transformou em pequeninos esmaltes de Saxe:

—Mas que grande «escôva»!

Você fechou logo o leque, em que Watteau pintou uma patuscada de ninfas e cupidos, e recostando-se nos Aubussons da venerável poltrona onde se aninhava, preparou-se para a controvérsia, o velho general de Ypselon, cheio de catarro e de tradição, surgiu nesse momento por detrás da minha cadeira e recomeçou a história da sua genealogia de desembargadores e brigadeiros, que já nos havia impingido no último concerto Blanch. Não me foi possível manter com bons argumentos a minha afirmação, nem você pôde mais afirmar palavra em defeza da sua teoria.

Durante muito tempo errámos, através da conversa monótona do general, pela meza do desembargo do Paço e pelas casernas do conde de Lippe, com ligeiras paragens em outeiros de Odivelas e nos acampamentos de Wellington. Por fim, misericordioso e argentino, o relógio do velho Sévres florido fez soar, com as sete horas, um *minuette* de Lully e você passou dos braços da poltrona para os do secretário da legação da Snoblandia, para o *fox trot* fatal com que fecham os chás em casa dos Mendonças.

O seu sumptuoso Renault de 60 H. P., vasto e iluminado como um salão em festa e movendo-se sobre as molas com meneios de pavana, levou a a *diner en ville*.

Eu sei que você, minha querida amiga, baseia a sua afirmação no facto de hoje não serem só os homens a sofrer o horror dessa operação, a que se chama cortar o cabelo, mas não é por as mulheres se terem apropriado desse flagelo do sexo forte que a felicidade dos homens aumentou.

Sim, bem sei que você sofre o cabeleireiro, mas nós sofremos o barbeiro, de que você, minha boa amiga, está, felizmente, livre.

A cadeira do barbeiro é uma redução da casa dos tormentos do Santo Ofício. O físico e o moral são ali submetidos ás mais duras provas e o desgraçado paciente acaba sempre por confessar—que está satisfeito com o trabalho do figaro.

Vêjo, pelo ansioso arfar do seu seio (que Canova teria modelado), que começa a interessar-se pelo relato de tantas torturas.

É simples, mas eloquente na sua simplicidade.

Quando um de nós, tendo verificado

ao espelho que o cabelo está excedendo as dimensões decentes, se decide ao suplicio, a primeira coisa que o barbeiro faz é vestir-lhe um penteador de forças, que lhe tolhe os movimentos.

Reduzida a vitima á inofensividade, o artista entra a acolchoar-lhe o pescoço com algodão em rama, aproveitando o ensejo para fingir que esgana o freguez. Não esgana, é claro, para não perder a gorgeta, mas produz uma impressão tão completa que nos tira toda a vontade de experimentar o suicidio pelo enforcamento.

Depois de ter obrigado o paciente a curvar a cabeça contritamente, fixando-lhe o queixo ao peito por meio dum parafuzo, o barbeiro pega na tesoura e no pente e então é que elas começam.

Os que fazem gôsto no ofício são duma meticulosidade enervante com os cabelinhos da nuca. O dueto da tesoura e do pente faz-se ouvir nas regiões da «cova do ladrão» por mais de meia hora e só é interrompido para o artista verificar, de bitola em punho, se os cabelinhos estão todos do mesmo tamanho.

Piores do que os aplicados são os distraídos, os que olham para a porta e para os espelhos, cortando indiferentemente o cabelo ou as orelhas do freguez, mas como tudo é relativo neste mundo, ainda mais nefastos que estes são os figaros que a tantos inconvenientes juntam a impertinencia da conversa e esses—justiça seja feita á laboriosa classe—são quasi todos.

No género falador há várias espécies



de barbeiros. Os mais numerosos são os que se pelam e nos pelam por dar uma novidade:

—Então o senhor já sabe a grande noticia?

O paciente, na convicção de que se trata de alguma coisa de gravidade ou de interesse, ergue o queixo de cima do penteador:

—Não!

E logo o artista, obrigando o freguez

a retomar a posição torturante, mas parando de trabalhar:

—Pois foi um escandalo mestre. A dona da pensão do 3.º andar despediu a creada por causa dum hóspede...

Há tambem o barbeiro conceituoso, que trata com superioridade e descontentamento os males da Pátria:

—Saiba v. ex.ª que isto das revoluções constantes é uma grande desgraça para todos. Se continuamos assim, nunca mais levantamos a cabeça...

—Tambem me parece—geme o freguez, com o queixo fincado no peito e a alma alanceada pela tortura.

Acontece, por vezes, cair-se nas



mãos de um que não está contente com o seu ofício:

—Ah, que se eu um dia largo a navalha!... Porque eu tive estudos, não fui educado para barbeiro...

E para provar a falta de vocação, espeta-nos os bicos da tesoura no couro cabeludo.

Os amorosos tambem são frequentes. Fazem mos um relato minucioso das suas conquistas e terminam sempre por dizer, entre duas tesouradas:

—Tenho uma entrevista para daqui a bocadinho.. Estou aqui pelos cabelos!

Tal qual «como nós. Mas tudo tem um fim nesta vida transitoria, até mesmo um córite de cabelo. Segue-se a barba. Sabão, conversa, e a fatal pergunta:

—A navalha incomoda?

É claro que incomoda, mas não vale a pena dizer que sim, porque eles não fazem caso. Depois de três sangrias em varios pontos da face, provocadas para mostrar a habilidade com que nos estancam o sangue, entra-se na terceira parte do ritual.

—Não lava a cabeça? Uma fricção, sim? Tem alguma preferéncia?

—O que teu tenho é alguma pressa—ousa dizer o misero cliente.

—Quer cravo ou violeta?—volve o implacavel figgaro.

E o freguez, já desorientado:

—Sim, podde ser, talvez... Uma no cravo e outra na violeta. Qualquer coisa, mas depressa...

—Talvez o senhor queira uma loção nova que ahi temos, muito fina...

—Ah, o senhor não tem a noção do tempo...—gagueja o freguez, quasi indignado.

—A loção do tempo? Dessa não temos...

Segue-se a fricção. Aos movimentos desesperados que o figaro imprime á cabeça do paciente, todo o mobiliario do cerebro se desapruma.

—Como está palida, minha boa amiga!... Os seus saiz?... Outro *bout d'ore*?...

«Apetece-lhe fazer musica no seu cravo? Com infinito prazer a escutarei... O que vai tocar? Uma «ária» de Haydn... Sim, vai bem a este melancolico entardecer... Quem me dera ser cravo, para sentir a caricia dos seus dedos, só comparaveis ás varetas de marim do leque de Maria Antonieta... Que disparate, ser cravo?... Porquê? Ah, minha boa amiga, por si sujeitar-me-ia a ser cravo até de cabecinha, ainda que, por isso mesmo, tivesse de continuar a entregar-me nas mãos dos barbeiros... E' linda a «ária»... Corre nas veias essa musica... Sabe o que me está preveramente a apetercer?... Enganar seu marido!... Oh, mas enganá-lo pelo telefone, dizendo-lhe, por exemplo, que a minha boa amiga o engana...

É evidente que isto podia continuar assim até amanhã, mas não é esse o intento do signatário, que só teve por fim fazer um pouco de literatura para senhoras, daquela agora tanto em favor da moda, literatura que se funde na bôca como um *bon-bon* e que é indigesta como uma salada de pepino.

XISTO JUNIOR

QUESTÃO DE TOM...



—Quando me namoravas dizias que não havia outra mulher como eu...
—E ainda o digo!... Peorda que tu não há...

NAS «REGIÕES DEVASTADAS»
A ROMARIA DA REVOLUÇÃO

Um pouco de tudo...

CÃES DE TIRO

Na Bélgica, ha um cão que, atrelado a um veículo carregado com trezentos quilos, percorre, varias vezes por semana, quarenta quilometros em boa estrada.

Um outro exemplo curioso é o de tres cães que puxam o mesmo veículo e trabalham vinte e sete dias por mês, percorrendo, durante esse tempo, mil quilometros, puxando uma carga de quinhentos quilos. Esses cães andam por ano doze mil quilometros e transportam um peso util cujo total não é inferior a cento e trinta mil quilos. Os cães que puxam os trens nas regiões polares produzem m is ou menos trabalho, segundo a natureza do terreno e as dificuldades de marcha.

O SOFISMA

O sofisma é um raciocínio, um argumento especioso, mais destinado a convencer do que a esprimir a verdade, e bastante habil para tornar plausível e verosímil o falso. Os sofistas gregos eram filósofos sérios, que c iam no erro e eram até ele conduzidos pelos proprios principios da sua filosofia. Ensinavam a sabedoria, a moral, a política, mas sobretudo a eloquencia, a arte de persuadir, dissimulando habilmente a fraqueza do seu raciocínio. Gorgias, por exemplo, querendo provar que nada existe, dizia que se alguma coisa existe, essa alguma coisa é, no entanto, impossível de conhecer e que, se alguma coisa pudesse ser conhecida, não seria contudo possível comunicar o conhecimento dela. Esta opinião, se bem que errônea, não é menos filosófica.

Dum modo mais geral, o sofisma é um raciocínio, por vezes impressionante, cuja fidelidade se sente ao mesmo tempo que se presente a dificuldade de mostrar que é falso.

UM BARÔMETRO VIVO

Pode fabricar-se um barômetro por meio duma sanguessuga. Introdz-se um desses animais num frasco de vidro, cheio até tres quartos, com agua muito limpa.

O tempo estará bom enquanto a sanguessuga permanecer imóvel no fundo do frasco; pelo contrario, ao passo que ela fór subindo vai piorando o tempo e haverá chuva. Finalmente, quando a sanguessuga se mostrar inquieta e se agitar muito, anuncia vento e tempestade.

UMA JEJUDORA CELEBRE

Apollonia Schreyer era natural de Chules (em alemão Gulo, aldeia de Seeland beernês, perto da fronteira de Neuf Chatel) e, em 1601, quando tinha dezassete anos, começou a sentir a maior repugnancia pelos alimentos e acabou por deixar de comer. Alguns medicos celebres, entre outros Paul Lentulus, clinico da rainha de Inglaterra, e Fabricius Hildanus, ocuparam-se do seu caso e observaram-na. Apollonia foi conduzida ao hospital de l'He, em Berne, e depois foi como pensionista para Thorberg, onde ficou sete anos sem comer nem beber. No primeiro dia do ano de 1611 recommçou a comer e, segundo consta, nada a saciava. Na biblioteca de Berne ha o retrato desta celebre jejudora.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICACAO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61
e em todas as filiais e agentes.



Aspetto do publico deante dos estabelecimentos da Rua da Escola Politecnica, alvejados pela metralha



A Praça do Brazil, campo de batalha, é visitado pelos «turistas» durante a semana

O FUNERAL DE AMERICO OLAVO



Aspetto da saída do armão que conduzia os restos do malogrado oficial

Um pouco de tudo...

MINAS DE DIAMANTES

As mais celebres minas de diamantes são as de Kimberley (Transvaal), que foram descobertas em circunstancias bem extraordinarias.

Foi em 1869. Um caixeiro viajante chamado O'Reilly, que ha muitos anos percorria o Transvaal vendendo aos boers os artigos duma firma da cidade do Cabo, hospedou-se, uma vez, em casa do n lavrador chamado Du Toits, descendente dum huguenote outrora emigrado para a Africa do Sul. Observou o caixeiro viajante que as filhas do lavrador brincavam com umas bolas de cor exquisita e, ao despedir-se, pediu para levar, como recordação, uma dessas bolas. Regressando á cidade do Cabo, esteve alguns mezes sem pensar no objecto. Um dia, porém, lembrou-se dele e, conversando com um j.alheiro, mostrou-o. O seu interlocutor logo percebeu que a bola era um diamante com mais de vinte e um carates.

Em breve, o lavrador, avisado, comprou a um hotentote por quatrocentas libras esterlinas um diamante com mais de 83 carates, que tornou a vender, imediatamente, por 11.200 libras. Esse grande diamante tornou-se celebre sob o nome de «Fstrela da Africa do Sul» e vale hoje muitos milhões de francos.

Descobriu-se que as bolas eram encontradas num buraco donde os lavradores da região extraíam uma especie de argila, de que construíam cabanas e, depois de ser muito bem explorado o referido burac, ue deu alguns diamantes, passou a ser um negocio até certo ponto vantajoso o comprar as cabanas, para as deitar a terra e extrair da argila os diamantes que acaso lá se encontravam.

CHUVAS EXQUISITAS

Ha pouco tempo caiu sobre Marselha uma chuva de terra avermelhada.

Sempre que a chuva autentica se mistura á poeira, cai uma lama liquida. Este fenomeno é bastante raro, mas foi já referido por numerosos cronistas antigos, que lhe atribuem uma origem sobrenatural. Assim se explica a «chuva de sangue» que assustou os burguinhões em 1361, e a que, pela mesma epoca, caiu sobre a ilha de Rhodes e o sul de Italia, «chuva de poeira, misturada de sangue».

Tem havido chuvas muito extraordinarias. Chuva de tinta em Londres, em 1913. No decurso do seculo XIX, viu-se uma chuva de sardinhas em Glamorgan, em 1850; de avelãs, em Dublin, em 1863, de caracois, em Redruth, em 1886; de lagartas, em Sabris (Jura), em 1891; de mexilhão de agua doce, vivos, em Paderbord (Westfalia), em 1892. Quanto ás chuvas de rãs, ha varios naturalistas que afirmam tê-las visto por seus proprios olhos. Houve uma em Suffolk, em 1842, uma em Gibraltar, em 1915, e, mais recentemente, em 1923, a aldeia de Osnes, nas Ardennes, recebeu um copioso aguaceiro de rãs, com grande gaudío dos habitantes. Numa aldeia italiana, em 1833, caiu uma chuva de laranjas.

A explicação destes fenomenos é sempre a mesma. Ventos verticais, provocados por particulares condições meteorológicas, podem aspirar, se são muito fortes, grande quantidade de pequenos peixes, de lagartas, de rãs ou de frutos, que as leis da gravidade tornam a conduzir para o solo, logo que a tempestade se acalma. Por vezes, essas estranhas chuvas percorrem grandes distancias. Atribuia-se uma origem meteorica a uma chuva de poeira vermelha caída no Transvaal, mas o exame dessa substancia, feito por um geologo, revelou a sua origem terrestre. Mais tarde, descobriu-se que um ciclone a transportara da Nova Gales do Sul para lá do estreito de Baza até á Tasmânia, a mais de 800 quilometros.

ATELIER

MADAME VALLE

ROBES ET MANTEAUX

RUA PASCOAL DE MELO, 9

LISBOA

Telefone 1401 N.

MOSTRA SEMPRE MODELOS
DAS MELHORES CASAS DE PARIS

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

CARTAS DE UM COMEDIANTE

A "Prisonnière" foi proibida na America

Peças graciosas e peças imorais...

Queixam-se os auctores francezes de que na America do Norte a Censura lhes não consente a representação de certas peças, a pretexto de qu. são imorais. E revoltam-se, argumentando que o repertorio americano será talvez bem mais imoral que o deles.

E' bem provavel que se trate de uma questão de jogo de scena.

Realmente, um artista pode atenuar certas passagens escabrosas de uma peça, a ponto de as tornar quasi imperceptiveis e até mesmo ingenuas... Temos um exemplo bem recente — e digno de todo o louvor — na interpretação do Dr. Bolbec, por Ilda Sticini, na comedia «O sr. dr. e seu marido»: Frase alguma do seu papel choca o espectador. Méro caso de intelligencia, de sensibilidade e de educação. E, francamente, gostavamos de ver esse papel nas mãos de determinados artistas...

...Reconheça-se que há entre muitos actores o «penchant» irresistivel para se atirar á cara do espectador o menor dito equivoco. E muitos comediantes partem do principio que um papel sem «piadas», sem «double-sens», sem allusões obs enas, não presta.

Outra mania de que enferma o Teatro é a das situações do «vaudeville» e da «farça». Há que sacal-as á força, a poder de picareta...

«Tirar partido de uma scena» ainda é a grande preocupação do actor comic. em geral. E qua itas vezes o auctor não pensou s não em apresentar momentaneamente uma passagem ridícula ou graciosa, sem dar tempo, ao publico, para reflexões!

Da mesma maneira é o «couplet» sempre esprimido, sublinhado, accentuado. Foi o mal das «Tres Meninas Nuas». ... Ao invéz de uma peça leve e alacre, perfumada, tivemos uma pesada indigestão.

Outra peça, de estreia recente, e que está em successo — porque não, quando há tantos apaixonados do genero? — é entremeiada, a cada passo, de ditos bastante equivocos. Pois os artistas, se haviam de os atenuar, fazem prolongadas pausas, a preparar-lhes o efeito, e dizem-nos entre duas caídas intencionais.

E é por este processo que uma peça levemente maliciosa descamba muitas vezes numa grosseria indecente.

E' certo que há artistas que preferem o sorriso á gargalhada. Mas «s de gargalhada são em bem maior numero. Como os espectadores, infelizmente...

Mas não é este o caso da America do Norte, onde os actores são, em via de regra, sobrios e discretos.

Eles colocam o rotulo de amoral em tudo que pode ser contrario aos seus costumes, á sua civilização. Proibiram as representações da «Prisonnière». Estão os francezes no direito de proibir tambem as peças yankees, classificando-as de imorais, de perniciosas, de dissolventes.

Mas na America do Norte, por falta de «prisonnières», é que a peça de Mr. Edouard Bourdet não consegue passar...

CARLOS ABREU



CARNAVAL DOS MORTOS

E' preciso dizê lo, ainda que tardiamente: em Portugal o teatro já não é uma arte. E' um desmanchar de feira, ignobil e grotesco, a que assiste meia duzia de pessoas que olham as cores desbotadas da beleza, com a mesma facieia sadica de macacos turbulentos. Sendo impossivel enobrecer o teatro com os elementos que possuimos ou dar-lhe a virtude eloquente duma chama racica que para sempre nos redima da obra estrangeira — ha que voltar para traz, ha que dizer tudo, ha que embeber a pena no acido prussico da violencia caustica, chegando até a satira demolidora e feróz...

O que se está fazendo? Teatro oportuno, teatro de ocasião, teatro de charge. Comedia e drama não existem e são raros os que a podem representar. O que surge a fascinar o espectador saloio que vai ás casas de espectáculo, depois de jantar, como quem toma bicarbonato de soda — apenas para desenfatiar o intestino — são arreglos tremendos, idiotas e ridiculos, que ha muito teriam sido dinamitados, por quem de direito, se não fosse o espectro da fome, que já campeia sobre este carnaval dos mortos... A duvida é tanta, o pessimismo tão cruciante, que não antevemos necessidade daqueles que são puros e sinceros tentarem uma cruzada de reabilitação artistica. Isto cahiu e ha-de cahir mais, afogando-se irremediavelmente! O mal é deles — deles que transigiram com o publico, lambendo-o de vulgaridade, falseando a noção educadora do teatro, cortando-lhe o vôo artistico, prendendo-o em derrocadas constantes á bilheteira negativa e insexuada de audacia, de arrojo, de liberrima concepção. Deixaram-se vencer pelo baixo instinto, que faz agora onda rasteira, maré baixa de podridão, de detritos e de vaza, — morta para qualquer cometimento, seja de merceiro ou de empregario.

Compete a nós, jornalistas da critica, já que o teatro morreu, voltar os olhos para outras manifestações do pensamento humano. Podemos e devemos ainda ser piedozos, descendentes, transigentes, mas isso não implica a continuação dum esforço inutil. Prégamos e defendemos! Ajudámos sem retribuição, mas os escravos que se succederam aos senhores mal comprehenderam o gesto... Odeiam-nos como sempre, denegando a justiça pelo angulo pessoal da impotencia. Têm o dorso nú, marcado com ferro em braza. Em frente deles, com caminhos traçados e pizados pelos seus maiores, está a montanha sagrada... Mas cá em baixo, em monte, corroidos de lepra, os escravos olham atascando-se no lodacal, incapazes dum gesto, duma attitude, dum esforço glorioso que os liberte...

O que fazem então? Clamam! Vadrulham! Chamam os outros, que andam irradiados e tristes e, persignando-os malignamente, tratam de os conspurcar dos mesmos males repugnantes e fatais...

Acabou o teatro! Uma porta aberta é uma porta fechada. Só se guarda o que tem valor: o oiro e a alma, a alma e a dor que se consubstanciam em fé. Mas ha ainda as artes plasticas, que agonizam ao desalento, sem uma corrente de publico, sem um carinho dos que escrevem, sem uma situação proeminente, altiva, e primeira, na vida nacional.

Regressemos a elas! Os seus altares estão vazios. Que os fieis ajoelhem, gritando, como nos transeptos das catedrais: *aleluia! aleluia!*

E' possivel que o grito faça estarecer o cortejo dos escravos que desce a encosta... Talvez que ajoelhem e se arrependam de terem feito missa negra do nosso ideal, da nossa coragem e da nossa religião...

ARTUR PORTELA



A illustre e novel escritora D. Alice Ogando que acaba de lançar um livro de poesias de enorme exito, muito fora da vulgaridade corrente, sob o titulo «Intimidade».

NÃO TRINDADE

O SENHOR QUE SE SEGUE

CONSTITUI O MAIOR EXITO DE LISBOA

A aparição do grande actor Leopoldo Frois na comedia «Au premier de ces messieurs» constituiu o maior exito de elegancia e de graça de toda esta epoca.

Pela impecavel representação do grande nucle de artistas que enquadra a companhia de Erico Braga, pela suggestiva modernização na montagem, assinalada por toda a critica com incondicionais aplausos, pela mocidade e frescura das «raparigas do Trindade» e pela graça de Almada e Erico, a peça foi decerto uma grande carreira, para o que em grande parte contribui a magistral adaptação de Matos Sequeira e Pereira Coelho, dois grandes nomes do nosso teatro.

O SR. DR. E SEU MARIDO no Politeama

A comedia traduzida por Alvaro de Andrade com este titulo e que é uma «trouvailla» de graça alcançou um exito no Politeama.

E' de destacar o trabalho dum novo de me recimento e que acertou em cheio nesta peça: Antonio de Melo Sticini e Azevedo, bem como Raul de Carvalho, um ga'ã comico, soberbos.

Apolo

Companhia Almeida Cruz. Teatro musicado onde figura a grande voz e o talento dramático do seu director. Repertorio de gosta popular e de valor. Teatro tradicional e querido da população lisboeta. Comodidade, conforto, modicidade de preços e um espectáculo alegre e artistico.

Hoje e sempre: A Mouraria.

Olimpia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Filmes de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependencias, de forma a torná-la a preferida do publico.

Eden

O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo — feitos de arte portuguesa e de sentimento nacional. Direcção de José Clmaco.

Hoje e sempre: «Sempre Fixe» por duas Companhias de Revista.

Variedades

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournees» triunfais a atestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer.

Hoje e sempre «Olho da Providencia».

Nacional

A primeira scena dramatica portugueza, á frente de qual está Alves da Cunha — o grande actor, o primeiro da sua geração. Adélia Abranches, a comedianta cujo nome dispensa elogios, e Perta de Bivar, artista cultissima e modesta, a acompanhando como Sacramento e Araujo Pereira, mestre ensaiador. O mais forte repertorio moderno.

Actualmente a grande farça: «O Maluco das Avenidas Novas».

S. Luiz

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do nosso primeiro «metteur-en-scène» do teatro musicado, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e barítono brasileiro Silvio Vieira, que tanto exito já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal.

Politeama

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Ilda Sticini e Alexandre de Azevedo e Raul de Carvalho, no primeiro plano. Espectaculos da melhor arte. Repertorio escolhido e preferido pelo publico. Empresa do arrojado e habil empresario Luiz Pereira.

Actualmente: «O sr. dr. e seu marido».

Trindade

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuimos. A grande Lucilia, com Erico, Almada, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramatico que está á altura do mais difficil repertorio internacional.

Actualmente: «O senhor que se segue».

Avenida

Companhia Sata-la-Amarante. «A companhia mais stampetea so publico. Alzira de Amarante — o maior creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanelá, uma notavel actriz que reune o encanto duma mocidade fresca no «style» parisiense da sua «style». Hoje e por enquanto todas as noites «O Pé de Salsa».

Gimnasio

O teatro mais moderno e mais europen. A frente o nome glorioso de Amelia Rey-Coloço, Robles Monteiro e todo um conjunto de artistas disciplinados e com um passado de trabalho que assegura o exito desta companhia, boa em qualquer grande capital e unica em Lisboa. Espectaculos de comedias, alta-comedia e drama.

Actualmente: «A condessa Maria» de Lucca de Tena.

Eden

O teatro das fantasias e revistas populares. O teatro mais barato de Lisboa. Boa musica. Lindas mulheres. Os melhores comicos. Os espectaculos do Povo — feitos de arte portuguesa e de sentimento nacional. Direcção de José Clmaco.

Hoje e sempre: «Sempre Fixe» por duas Companhias de Revista.

Variedades

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e dramas. Exitos, «tournees» triunfais a atestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer.

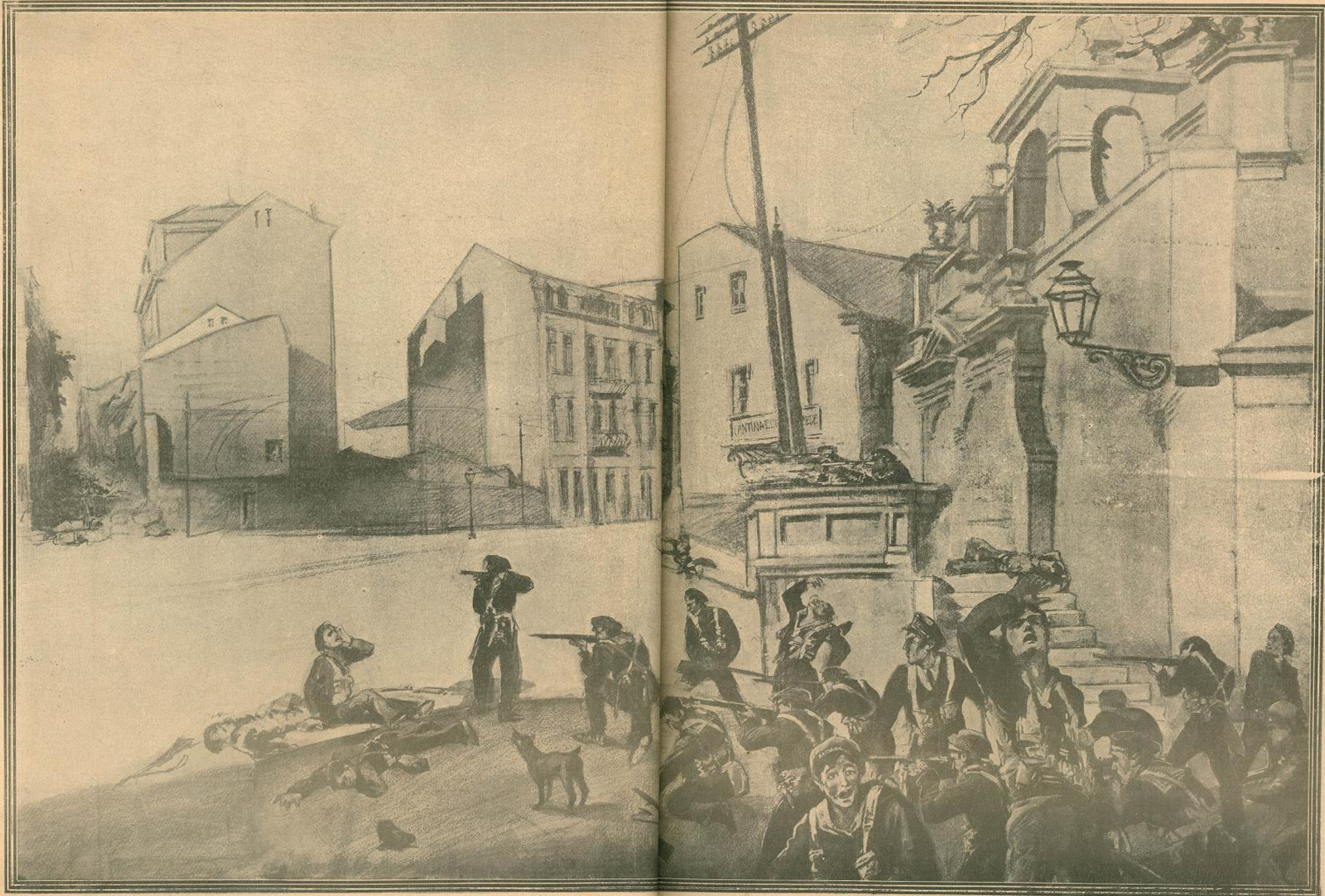
Hoje e sempre «Olho da Providencia».

Cigarros "Murattis"

Os predilectos da elite, os de maior fama no mercado. São duma fabricação extra, escrupulosa. Tabaco Egipto da mais fina qualidade, gosto e aroma inexcelsíveis. Peça em toda a parte os cigarros «MURATTIS» EGÍPCIOS. Importadores: VIUVA CONTRERAS & F.º — R. 1.º de Dezembro, 7

O formidável combate do Largo do Rato

(Reprodução acrílica. Composição executada pelos nos-
sos desenhadores sobre documentos, fotos e filmes inéditos
e relatos de testemunhas presenciais).



Logo ao começo da revolta de 7 de Fevereiro, os marinheiros do comando de Agatão Lança conseguiram avançar até ao Largo do Rato (atual Largo do Brasil). Aqui, o seu passo foi embargado pela coluna fiel que descia pela Rua de S. Filipe Nery e Calçada da Louça, tendo-se nesse momento travado um violentíssimo combate, o mais nobre de todos, e onde houve heroica bravura de ambos os lados. Os rebeldes não avançaram sobre a vasta Praça e, varridos pela metralha, fizeram reduto da esquina do Palacito Palmela. E' o momento culminante da luta.

O terceiro dia da revolução amanheceu agora. Lá fora, estalam as granadas. Cá dentro, estala-me a cabeça, com dores... Tomo um comprimido, mas o coração está cada vez mais oprimido...

Na minha rua—que, por sinal, é uma travessa,—combate-se ferozmente. Em dois palmos de chão, entre casario apertado, há dezenas de homens que procuram matar-se. Uns estão ao cimo da travessa, ingreme e tortuosa; vestem fardas cinzentas e são todos iguais. Outros estão cá para baixo e são o menos iguais que é possível.

Neste momento, lembro-me dum jôgo que nós—eu e os meus irmãos—apreciávamos muito, quando eramos pequenos.

Era o jôgo do «qual de baixo, qual de cima», e jogava-se numa álea areada do nosso quintal, utilizando como projecteis as nesperas verdes das nossas enormes nespreiras e tendo por armas uns grandes rolos de papel de jornal. Nós também nos dividíamos em dois grupos e, dispostos na parte superior e na parte inferior do quintal, combatíamos encarniçadamente. Nós também eramos irmãos...

Entre o fragor da batalha, retine nervosamente a campainha eléctrica da porta. Ouve-se, muito proximo, o estâmpido duma enorme bomba... Um periquito, assustado, solta-se da gaiola e enquanto os revolucionarios ultra-radicaes nos bajam á porta, elle o periquito sempre verde e sempre gaieteiro,—ao conhecer enfim a liberdade, solta, paradoxalmente, o seu estribilho reaccionário: «Periquito é rei, é rei, é rei...!»

Hesitámos em abrir a porta, mas um novo estâmpido de bomba, ainda mais proximo, vence as últimas hesitações... Um grupo de civis armados e varios elementos de «artilharia civil» entram, sobem a escada, e, sem se limparem da poeira, enfiam pelo salão... Espreitam ás janelas e, como quer que as julguem baixas de mais para o seu trabalho—que «é todo do ar», como nos explicam—sobem ao sótão e passam ao telhado...

Dentro de casa, há pânico. A mascara do Pavor revela-se-me, sob diversos aspectos; há rostos apoplecticos e há-os brancos como esta folha de papel... Neste momento, não se encontram homens em minha casa.—Há apenas senhoras, já idosas. A unica pessoa nova sou eu, mas estou doente, no início duma convalescença melindrosa...

Tenho a perfeita noção do perigo. Os homens que estão nos telhados vão atacar as tropas que pretendem varrer a rua. As tropas quererão tirar desforra da aggressão e nós todos vamos pagar caro a «tesura» dos homens que andam nos telhados. Vai continuar o jôgo do «qual de baixo, qual de cima», mas agora em sentido vertical...

Compreendo que é preciso tentar o impossível para libertar a casa de tão

«O João Marinheiro»

Um episodio absolutamente verídico da grande revolução que enlutou Lisboa. Narrativa duma nossa illustre colaboradora, confirmada completamente por varias pessoas.

perigosos hospedes... Abro uma gaveta da minha secretária e tiro a carteira das economias; conto á pressa o dinheiro; são dois contos de reis ou pouco mais... Chegará...?

Vou a subir a escada para o sótão, quando da porta da rua, que está escancarada, alguém me chama. Volto-me e vejo um rapazote de pé descalço, espingarda na mão, com uma boina de marinheiro voltada do avêssio. Intima-me a não subir. Digo-lhe que vou falar com o chefe do grupo. Então, ele declara-me que esse chefe é ele mesmo, ele mesmo a quem chamam o João Marinheiro—porque já foi marinheiro—e anda ali a combater pela «liberdade»...

Desço até junto dele e suplico-lhe que leve os companheiros para outro sitio, que deixe em paz a minha casa,

dois contos de réis. Pode aceitá-lo, porque não é dinheiro roubado; dou-lho eu, de livre vontade... Em paga, leve-me esses homens que estão no telhado...?

Um silencio de angústia. As mãos dele tremem... Não lhe vejo os olhos, por isso não sei o que brilharia neles. Mas a resposta é peremptoria:

—«Guardo o seu dinheiro. Não aceito nada».

—«Faça-me isso... Tenho a minha mãe, lá em cima, numa grande aflicção... Sofre do peito... pode não resistir... Faça-me isso... Peço-lhe pela saude da sua mãe, se ainda tem mãe...?»

Um silencio breve. E logo, num repêlão:

—«A saude da minha velha não é para aqui chamada...» E, num grito que ribomba pela escada, até ao sótão: «Eh lá, rapazes! Toca a descer...! Eles agora estão a comer o rancho... Vamos dar-lhe a sobrezeza...»

Os outros ouviram e obedecem. Va-



—«Tome este dinheiro...»

onde só há senhoras de idade, trémulas de pavor. Chamo-lhe a atenção para o meu aspecto de doente.

Ele ouve-me atentamente, de olhos fitos no chão. Não responde uma palavra. Para não dizer que não, cala-se... Recorro ao argumento decisivo, e abro a carteira:

—«Tome este dinheiro. E' mais de

garosamente, com mil precauções, desce o pessoal da «artilharia civil», que louvado seja Deus não chegou a trabalhar.

Saem a porta e afastam-se... Fica só o João Marinheiro, que me pede um copo de agua e recusa um copo de vinho. Vai a sair, quando lhe digo, entendendo-lhe uma nota de cem mil réis:

—«Aceite isto... Não é para lhe pagar... E' para comprar uma lembrança á sua mãe...»

Ele hesita ainda, mas, por fim, não resiste e agarra a nota:

—«Obrigado... Calha bem... A velhota anda, há tanto tempo, a pedir-me um chale novo... Adeus... Boa sorte...»

Maquinalmente, repito: «Boa sorte.» E fecho a porta, e tranco a porta, com um suspiro de alívio, com a satisfação de quem venceu sem gastar muitas munições.

O combate tem recrudescido. Há cinco horas que o jôgo do «qual de baixo, qual de cima» não pára... Mas percebe-se, agora, que deve ter entrado numa fase decisiva. A sua própria intensidade é o melhor indício duma agonia próxima... E' impossível saber o que se passa na rua. Ir agora á janela equivalia a uma tentativa de suicidio. No meu quarto de cama já entraram quatro balas. E' mais perigoso ir agora ao meu quarto, do qual me afasta uma distância de metros, do que ir ao Brazil de avião; as probabilidades de morte são maiores...

Mas o combate deve estar no fim. As metralhadoras aproximam-se, veem descendo a rua, e não há peito de homem que resista ao mortífero hálito dessas bôças sarcásticas que, há três dias e duas noites, gargalham incansavelmente.

De repente, a sineta do portão do quintal é violentamente agitada por alguém, por alguém que vem descendo, perseguido pela Morte, pelas gargalhadas das «costureiras»...

Devo abrir o portão...? Se me entra de novo pela casa a «artilharia civil»? Mas se morre alguém, agarrado á campainha da minha porta, da minha porta fechada...?!

Resolvo abrir. O portão do quintal dá para o quintal, e não dá para a casa, nem para o sótão, nem para o telhado...

Desço ao rez-do chão. Fecho cuidadosamente a porta da casa que dá para o quintal e abro o portão deste, que dá para a rua...

Um homem desarmado, exausto, ferido, cai para dentro do quintal. E enquanto, á pressa, torno a fechar o portão, ouço um estertor que me arrepiia...

Volto-me... O homem é o João Marinheiro. Curvo-me para ele e, sem esperança de resposta, pergunto:

—«Está ferido? Aonde?»

De olhos fechados, arquejante, responde-me:

—«Um tiro na espinha... Um malandro a quem rebentou a arma... Nem sequer um tiro, no peito... Parece que fugiu... A senhora diga que não... nos jornais, se puder... O João Marinheiro nunca fugiu...»

A cabeça pendeu-lhe para o lado dos meus joelhos, que não se afastaram, que, piedosamente, lhe serviriam de encosto. Num derradeiro esforço, moribundo levou a mão ao bôlso do casaco e, tirando a nota de cem mil réis que eu lhe entregara há pouco, conseguiu ainda murmurar:

—«O chale para a minha velha, compre a senhora... A minha velha

O DOMINGO
ilustrado

VARIA

CASAS
PALAVRAS CRUZADAS

Passatempo da moda

Secção dirigida por DR. FANTASMA

Nota importante.— Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA ALVARO COUTINHO, 17, r. c. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

DOIS PRINCIPIANTES, DOIS TORREJANOS.

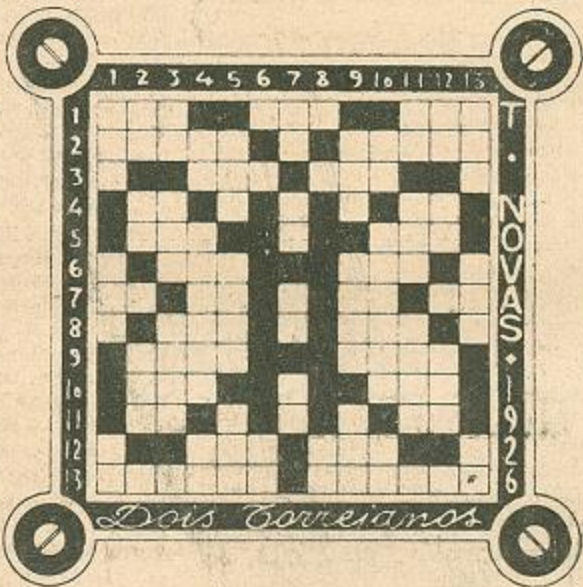
DECIFRAÇÕES DO N.º 107

HORIZONTAIS.—1 pacova, 2 tabaco, 3 avilador, 4 panoca, 5 nomada, 6 alo, 7 iriar, 8 dal, 9 diriam, 10 dadora, 11 onagra, 12 asiras, 13 palato, 14 atcada, 15 avelar, 16 fortim, 17 gaz, 18 egros, 19 Ana, 20 aravia, 21 ra-tear, 22 Degolarem, 23 aco-ras, 24 rareia.
VERTICAIS.—1 papa-do, 25 canora, 26 ovo, 27 viclar, 28 alarma, 29 adora, 30 bom, 31 arador, 32 opalas, 33 alinhavar, 34 darandina, 35 igual, 36 dizer, 13 pagãda, 37 le-sado, 38 taiega, 39 orgãos, 40 tosara, 41 atae-me, 42 amarga, 43 ver, 44 ter.

PROBLEMA D'HOJE

Original dos nossos e-fimios colaboradores «DOIS TORREJANOS».

HORIZONTAIS.—1 cul-lado, ala, cinja, 2 estr-la, pronome (fem.), gancho onde se põe a isca, 3 abreviatura dum ponto cardeal, pron. pess., gavinha, per-tence, 4 nota, artigo, letra, preposição, pronome, 5 ro-chedo, artigo, ementa, 6 pronome, passaro; odio, letra, 7 nota, filha de Ina-cho, consoante, pronome, nota, 8 artigo, três letras de Anselmo, letra, peixe, letra, 9 enfezo, aprisco, 10 acontecer, letra, mulher, 11 ou-tra coisa, nascente (abrev.), existe, artigo, flui-do, 12 consoante, alem, jornada, letra, 13 fazer-se ao mar, gargalhada.



VERTICAIS.—1 tapeçaria antiga, sulca, nota, 2 existe, sapeca, conjunção, protecção, letra, 3 dó, amarra, fuzil, vogal, 4 nota, advertir, ara-gem, 5 interjeição, rei dos ventos, pron. pess.

6 letra, preposição, passar, 7 entre nós, ofere-ce, apelido, até, 8 pronome, letra, prosseguir, 9 anda!, para torcer fios, acrescentei, 10 milha, transferi, ala, 11 acampamento, astro, faina, le-tra, 12 medida, o, letra, fogão, consoante, 13 pronome pess., trama, pêlo.

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 8

A minha mãe... A minha mãezinha... Valha-me Nossa Senhora...
E com estas palavras de amor e piedade, soltou o ultimo suspiro aquele revolucionário que andou de arma na mão apenas para combater...

Arranjou uma Verdade para seu uso e sacrificou-lhe a vida. Podemos achar estéril, inútil e até pernicioso esse sacrificio, mas não neguemos a boa fé com que o João Marinheiro julgou ver uma Verdade que outros não viram por terem os olhos fixos numa Verdade que elle não viu...

T. L. B.

BOLBOS, DALIAS, GLADIO-LUS E IRIS DO JAPÃO

CASA DAUPIAS
29, R. DO CARMO, 31 — LISBOA

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RO-CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE TODA A LISBOA VÊ!

LER NO PROXIMO NUMERO

O TIRO MISTERIOSO

NOVELA SENTIMENTAL
POR
FERREIRA DE CASTRO

A Guerra do Futuro

NOVELA COMICA
POR
AUGUSTO CUNHA

CARNAVAL

Lança perfumes, Confeiti, Serpentinhas, mascaras, etc.—Envia-se o catalogo só a vendedores.
SANTOS & SILVA VIEIRA, LTD,
RUA DA BOA VISTA, 16 — LISBOA

MOINHO DE PACIENCIA

SECÇÃO CHARADISTICA
SOB A DIRECÇÃO DE JOSÉ D'OLIVEIRA COSME
DR. FANTASMA
N.º 3 (4.ª Serie) 20 de Fevereiro de 1927

ALMOÇO DE HOMENAGEM

Realiza-se, no dia 27 de Março, um almoço de homenagem ao insigne charadista José Baptista Vasques, «Mata», illustre director da «Pátria de Miolos», do «ABC». O homenagem, velho e distinctissimo cultor do charadismo, que, desde ha muito e, com indiscutivel competencia, vem dirigindo a sua secção, tornando-a, incontestavelmente, uma das mais preferidas, é, por todas as razões, digno da sympathica manifestação de que vai ser alvo. Aqueles que, pessoalmente, privam com ele, terão, nesse dia, feliz ensejo de lhe demonstrar, mais uma vez, a sua admiração e os que, apenas de nome, o conhecem, terão o grande prazer de travar relações com um dos maiores «caras-direitos» dos «mat-tos» lusitanos. A inscrição que se encontra aberta no Expediente da T. E., Calçada do Duque, 25, é de Esc. 20500.

CHARADAS EM VERSO

1 Nesta vida des-agradar,
Em que o mundo se perverte,
Tuão devia o upar
O logar que lhe compete.

Ha uma grande quantidade—
De gente que não trabalha
E despreza o que produz,
Chamando-lhe vil canalha.

Porém, só chega o remorso,
Quando atinge a vida, o cabo,
Todos fazem penitencia
Porque temem o diabo.

Lisboa

ORDIQUES

(Ao D. Simpatico)

2 Estava, num moinho, abrigador,
No meio do belo cheio da semente,
Havia, em toda a sala, muita gente,
E, todos, conversavam com calor.

Como eu, tinham vindo recolher-se
Naquella linda casa que, do monte,
Mostrava, até á linha do horizonte,
A grande caravela, alva, a mover-se...

O ar estava morno Parecia
Uma alcova de noivos, o moinho...—3
Um sujeito oferece-me bom vinho 1
E perguntou-me o que era que eu queria

Falamos algum tempo, O anoitecer
Fez-me partir, passado o aguaceiro...
E, nunca esquecerei o companheiro
A quem tão saberei agradecer.

Castelo Branco

MANÉ BEIRÃO

CHARADAS EM FRASE

[A Mamego com os protestos da minha muita admiração]
3 Ela é uma mulher que não camore os seus deveres por o marido ser um individuo que não gosta de boa repa-rafão e sem caracter.—1-2

Lisboa

AFRICANO

(imitando a sãbla confrreira Mamego)

4 Não dedaxi peilo raciocinio para saber qual o dicio cionario onde se achava a solução da charada, mas sim depois de me ter aliado indícios de alguma coisa.—3-1

Lisboa

DROPE

(A' muito illustre confrreira Mamego)

5 Difandê-se o processo, Visio liso, tomas resolução para assim se construir o tablado.—2-1

Lisboa

EDIPO (T. E.)

(A' Ex.ª confrreira Mamego, com admiração)

6 V. Ex.ª, com coertza, vale-se de algum auxiliar onde encontra as soluções dos trabalhos desta secção! A vossa pericia, segundos parece, tem, aos confrades, dado desgosto.—2-1

Lisboa

EURISTO (T. E.)

(Para a Ex.ª confrreira Mamego se entreter nas horas de ocio)

7 O sr. dá-se por vencido? Lamento e creia que tenho pena de ter tido mau exito.—3-1.

Lisboa

HOFÉ (T. E.)

(A' distinta charadista Mamego)

8 Embebe-se um xpano em alcool e coloca-se em cima da dor se desejar melhorar da «doença».—2-1

Lisboa

LORD DÁ NOZES

(A' illustre confrreira Mamego)

9 O chapéu de V. Ex.ª é vistoso. Ouvi dizer não me lembro onde, que tinha dado na vista.—4-1.

Lisboa

CORLANDO-O-PALADINO (T. E.)

(A' egregia confrreira Mamego, com as minhas desculpas)

10 Quem roga pregoas em sitio onde existe gente de bem, devia ser preso por ter proferido palavras insultantes.—4-1

Lisboa

RAZALAS (T. E.)

(A' excelsa confrreira Mamego com os meus respetos)

11 Cansa tristezza e dá pena que me tenham feito in-felto.—4-1

Lisboa

REI-FERA (T. E.)

(A' habil decifreadora Mamego pedindo replicação)

12 E' falso mendigo todo aquele que pretenda conven-

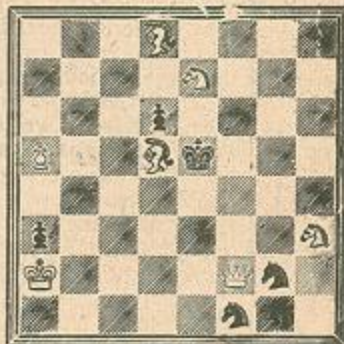
XADREZ

A correspondência sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 109

por W. Shinkman

Pretas (5)



Brancas (7)
As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 108

(Teichmann)

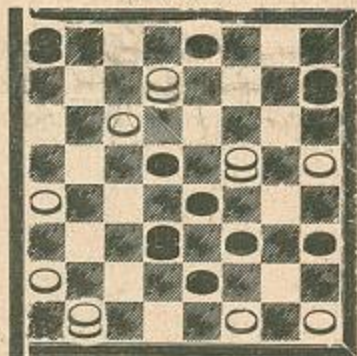
1 D. 1 B. D. R. 3 R.; 2 D. 6 B. -
R. 3 D.; 2 D. 5 C. -
C. 6 D.; 2 D. 4 B. -
C. X P.; 2 D. 1 D. -
P. 4 B.; 2 B. 2 T. -

Resolva o problema n.º 107 o senhor Nunes Cardo so.

DAMAS

PROBLEMA N.º 109

Pretas 3 D e 6 p.



Brancas 3 D e 6 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 108

Table with 3 columns: Brancas, Pretas, and scores. Brancas: 1 18-23, 2 12-16, 3 23-27, 4 14-18, 5 10-19, 6 1-10-19. Pretas: 4 25, 20-11, 31-24, 25-15, 24-15.

Resolveram o problema n.º 107 os srs. Armando Machado, Ilhuvo, Batista Albuquerque, Carlos Gomes, Benfica, José Brandão, Mario Domingos Pereira, Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-nos enviado pelo sr. Barata Saizquiero, que o dedica ao Ex.ª Sr. Dr. Rafael Samoia, Figueira da Foz.

cer com simulada tristezza e lamentos o que tem muito dinheiro.—3-1

Lisboa VASCO DIAS (T. E.)
Dedicada, com o maximo respeito, á illustre confrreira Mamego

13 Se fosse juiz, applicava vinte annos de degredo, sem remorso algum, a todo aquele que faz fermentos propaladamente.—2-1

Lisboa VISCOND X

CORREIO
IRENE ZAGAROFF.—Rogo á V. Ex.ª a fineza de enviar, o mais breve possível, a votação da sua lista referente ao n.º 11 3.ª serie para evitar a sua anulação. A charada em frase, não se verifica no dicionario que aponta.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A barricada inexpugnável do Palacio Fontalva

(Desenho esboçado dumâ janela do Largo de S. Mamede, durante a revolta. Reprodução proibida).



Na frente do Palacio Fontalva, os civis fizeram uma barricada que foi das mais difíceis de vencer. Granadas arruinaram o Palacio do Dr. Magalhães de Barros, que ocupa todo o fundo desta pagina, mas, até que as tropas fiéis tudo dominaram, fez-se intenso fogo do terrível reduto.

PUBLICIDADE

RUGAS

DOS OLHOS, TESTA, BOCA E SEGUNDO QUEIXO (Double-Mento) são o tumulto do amor

Use na toilette diaria: nas peles secas ou normais, Agua de Crème e Pó d'Arroz Rainha da Hungria, que em 3 dias transformam a sua pele numa Beleza incomparavel! Nas peles gordas e luzidias use os productos d'Accacia: nos poros dilatados os productos Civette. Para lavar o rosto use Pasta de Amendoas Rainha da Hungria. Use nas faces o Rouge Rainha da Hungria. Nos labios a Fleur Rainha da Hungria. Para maça-gem o Crème Velpeau Rainha da Hungria. Para a beleza dos olhos os Productos Rodal. Corrija as sobrecelhas com o Crème Superciliar. Tire os pelos com o Depilatori. Electrico.

Os produtos *Electricos Mirabilis* da ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELEZA com 18 anos de sucesso, fazem a alegria da vida: porque tiram as rugas para sempre.

Escreva hoje mesmo e peça estes productos, e em 8 dias verá que as rugas progressivamente vão desaparecendo. Não experimente outros productos antes destes, e não mudará mais; se mudar, voltará de novo a usal-os.

A

Academia Scientifica de Beleza

Todos estes productos se vendem na

Academia Scientifica de Beleza

e em toda a parte

fabrica 400 productos de Beleza, que são 400 maravilhas, premiados com o Grand Prix na Exposição Internacional do Rio e noutras exposições a que tem concorrido.

Peça hoje mesmo o catalogo gratis, enviando um escudo para resposta

AVENIDA DA LIBERDADE, 35—LISBOA

Resposta mediante selo

Catalogo gratis

A. CRUZ L. DA

R. DA MADALENA, 29 2.º—LISBOA
Telefone C. 1143

Armazem de productos quimicos e especialid des farmaceuticas nacionais e estrangeiras

ARTIGOS DE BORRACHA E UTENSILIOS PARA LABORATORIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para Farmacias e Hospitais

Importação directa

A Cooperativa Lisboense de Chauffeurs

Acaba de fazer uma nova diminuição nas tarifas dos seus taxis Citroën (palhinha amarelo que passam a ter os seguintes preços;

BANDEIRADA, OS PRIMEIROS 800 METROS, 1\$50
FRACÇÃO DE 300 METROS, \$50

Esta Cooperativa, para tornar mais rapidos e economicos os serviços de Chamadas atendidos pelos telefones N. 5521 e 5528 e pelas sara es e postos da Avenida Visconde Valmor, 70 a 76 (sede), R. Almirante Barroso, 71 e Largo da Estação do Ressio (Duque do Cadaval) inaugurou um novo posto na Estrela, R. Domingos Sequeira, C. L., telefone T. 766,

AS CAPAS A ALEMTEJANA

São os Melhores Agasalhos e os mais chics



SOBRETUDOS DA MODA EM TODAS AS MEDIDAS

CELEBRE CASAS DAS TESOURAS

Pereira e Abrantes, Suc. Tel. 3336N. Rua da Escola Politecnica 51-51A-53-55

DINHEIRO!!!

JUROS MODICOS

COMPRA E VENDA DE ANTIGUIDADES, OURO, PRATA, JOIAS E OUTROS ARTIGOS

José Mayer

RUA DO LORETO, 18

TELEFONE T. 44

Telefone 1094 N.

FUNERAES
SIMPLES E LUXUOSOS
SERVIÇO PERMANENTE
MARIO AUGUSTO DA SILVA MILHEIRO
131 RUA DOS ANJOS, 133
LISBOA TELEF. 1094 N.

Telefone 1094 N.

ESTÁ MAGRO?

TEM FALTA DE APETITE?

SENTE-SE FRACO?

TOME LICOR "IBERIA"

FARMACIA ULTRAMARINA

99—R. S. Paulo—100

"LINFATINA"
Nobre Sobrinho
BÉBÉS ASSIM só se abtem dando TINA—Nobre Sobrinho. libes a "LINFATINA"
DEPOSITO
Teixeira Lopes & C. Ltd.
45, Rua de Santa Justa, 2.º LISBOA

GRANDE OURIVESARIA, JOALHARIA, PRATARIA, RELOJOARIA E ANTIGUIDADES

DE

Joaquim Nunes da Cunha, Limitada

RUA DA PALMA, 100 a 106

RUA MARTIM MONIS, 27

Telefone N. 2924

LISBOA

Compra e vende aos melhores preços do mercado brilhantes grandes, esmeraldas, perlas e safiras, joias com pedras finas e com mininos novos, moedas antigas de ouro e prata, relogios, caixas para rapé, esmaltes e tudo o que seja antigo em Ourivesaria.

Tem sempre para vender e tambem apeso joias, ouro e boas pratas, tanto antigos como modernos, comprados nos melhores fabricantes do Mundo e nos principais leilões de penhores

Primeira Casa de Carimbos em Portugal

FUNDADA EM 1819

E. E. DE SOUZA & SILVA Gravadores

FABRICA DE CARIMBOS EM TODOS OS GENEROS

ANEIS EM AÇO E OURO COM BRAZÕES, COROAS E MONOGRAMAS

PREÇOS EXTREMAMENTE BARATOS

151, Rua do Ouro, 159
98, Rua da Vitoria, 100 a 102 LISBOA



Retratos d'Arte

PELO FOTOGRAFO

SILVA NOGUEIRA

R. Escola Politecnica, 141

FOTOGRAFIA BRAZIL

MAQUINAS DE COSTURA, E SEUS PERTENCES

Oficina de sapataria

Ru do Norte 591.º

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR DURADOR

Casa fundada em 1874

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ MOVIDAS A ELECTRICIDADE

PREMIADA EM TODAS AS EXPOSIÇÕES A QUE TEM CONCORRIDO

DIPLOMAS DE HONRA na Exposção da Caixa Economica Operaria e na Exposição da Imprensa

TRABALHOS TIPOGRAFICOS EM TODOS OS GENEROS SIMPLES E DE LUXO

Rua Nova da Trindade, 80 e 82 LISBOA

TELEFONE 3945 N.

LISBOA · BRISTOL CLUB · DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E BESPANHA
ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS

COLONIAS
ANO - 52x20 - SEMESTRE - 26x10
ESTRANGEIRO
ANO - 64x20 - SEMESTRE - 32x10

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - THEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES



O BANDITISMO REVOLUCIONARIO !

Houve, nesia revolução, actos de heroismo de parte a parte. Mas houve tambem, praticados por elementos imiscuidos no movimento, scenas de